



RELAÇÕES EXTERIORES

Acordo Mercosul-UE prestes a naufragar

Lula reconhece as dificuldades para derrubar barreiras comerciais e culpa os países ricos pelo possível fracasso nas negociações

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mudou o tom e admitiu que o acordo comercial entre o Mercosul e a União Europeia pode não sair até a semana que vem, como ele próprio esperava. Destacou, porém, que não houve falta de vontade dos sul-americanos e que os entraves foram causados pelos “países ricos”, principalmente pela França. Lula comentou, ontem, o tema na entrevista coletiva que marcou o fim de sua participação na Conferência do Clima das Nações Unidas — COP28 —, em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos.

O plano original era que o tratado fosse firmado antes da próxima quinta-feira, quando ocorre a Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul, no Rio de Janeiro. No evento, o Brasil passará a presidência do bloco para o Paraguai — que já declarou que não vai dar prioridade às negociações em sua gestão. As tratativas ainda continuam, com as equipes brasileiras e europeias reunidas até a data da cúpula.

“Se não tiver acordo, paciência. A única coisa que tem que ficar claro é que não digam mais que foi por conta do Brasil, e que não digam mais que é por conta da América do Sul. Assumam a responsabilidade de que os países ricos não querem fazer um acordo na perspectiva de qualquer concessão”, declarou Lula. “É sempre ganhar mais, e nós não somos mais colonizados. Nós somos independentes. E nós queremos ser tratados apenas com o respeito de países independentes, que temos coisas para vender. E as coisas que temos para vender têm preço. O que nós queremos é um certo equilíbrio”, acrescentou.

O Brasil e a União Europeia aceleraram as negociações nas últimas semanas, motivados pela eleição de Javier Milei para a presidência da Argentina e pela

Ricardo Stuckert/PR



Lula é recebido pelo chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, em Berlim, onde fez escala após deixar a COP28. O país é favorável ao acordo com o Mercosul

proximidade da data-limite da presidência brasileira no Mercosul. Desde que assumiu o cargo, Lula vem falando que o acordo era uma das prioridades da política externa, e que, se não fosse firmado agora, dificilmente o seria no futuro. Os trâmites se dão há mais de 20 anos.

A COP28, que recebeu a presença de chefes de Estado de todo o mundo, era vista como uma oportunidade para Lula destravar o tratado comercial. Ele esteve reunido com a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e com outros presidentes do continente. Se encontrou, inclusive, com o presidente da França, Emmanuel Macron, considerado o maior entrave para o fechamento do acordo. Logo após o encontro,

no sábado, Macron declarou ser veementemente contra o pacto de abertura comercial. Os últimos entraves envolviam o acesso de empresas europeias a compras governamentais brasileiras e as duras exigências ambientais que seriam impostas à América do Sul.

Perguntado sobre a resposta de Macron, Lula disse não ter sido surpresa, e responsabilizou a postura protecionista da França. “Ontem, eu fiz uma reunião com Macron para tentar mexer com o coração dele. Eu falei ‘Macron, quando você voltar para a França, abra seu coração, cara. Pensa um pouco na América do Sul. Pensa no Mercosul. Nós somos países pobres. Nós temos países pequenos’. Bom, me parece que ele não pensou”, lamentou Lula.

“Se não tiver acordo, pelo menos vai ficar patenteado de quem é a culpa. Agora, o que a gente não vai fazer é um acordo para tomar prejuízo”, afirmou.

As negociações seguirão até o último minuto, embora a possibilidade de uma solução pareça cada vez mais distante. Além das tratativas com a equipe europeia, Lula disse que seu assessor especial, Celso Amorim, vai se reunir com representantes dos movimentos sociais brasileiros, já que sindicatos e pequenos produtores também vêm criticando a proposta. Após deixar Dubai, ontem, Lula foi para a Alemanha, onde também vai tratar do acordo Mercosul-UE. O país germânico é favorável à abertura comercial entre os dois blocos.

Agora, há dúvidas se os países do Mercosul vão querer prosseguir com a negociação, caso não se encerre nesta semana. No Rio de Janeiro, haverá um encontro dos ministros da América do Sul, na quarta-feira, antes da cúpula dos chefes de Estado. Além de o Paraguai já ter declarado que não dará prioridade ao tema, ainda há incerteza se o governo de Javier Milei, na Argentina, vai concordar com o pacto. O atual chanceler argentino, Santiago Cafiero, em fim de mandato, declarou que as negociações devem continuar, mas que “não estão reunidas as condições para assinar o acordo”. A cerimônia de posse de Milei na Casa Rosada, sede do governo argentino, está marcada para o próximo domingo.

Prates tem “cabeça fértil”

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse, ontem, não ter conhecimento do plano para a criação de uma subsidiária da Petrobras na Arábia Saudita e alfinetou o presidente da estatal, Jean Paul Prates, que fez o anúncio na COP28. Segundo o presidente, “a cabeça dele (Prates) é muito fértil”. Lula disse ainda não saber o motivo para a estatal querer investir no Oriente Médio.

“Primeiro, você deve fazer essa pergunta para o Jean Paul Prates. Você deve fazer a pergunta para ele porque eu não fui informado de que a gente vai criar uma Petrobras aqui (no Oriente Médio). Como a cabeça dele é muito fértil, e ele pensa numa velocidade de Fórmula 1, e eu funciono numa velocidade de Volkswagen, preciso aprender ainda o que é isso que ele vai fazer. Se a Petrobras tem algum investimento para fazer aqui, eu não sei no quê”, respondeu Lula ao ser perguntado por jornalistas, antes de deixar Dubai — onde ocorre a COP28 — rumo à Alemanha.

Na conferência do clima, Prates declarou à agência de notícias Bloomberg que estuda a criação da Petrobras Arábia, que teria sede em algum país do Oriente Médio. “Eu vou conversar com ele”, disse Lula, referindo-se a Prates.

Opep+

Mesmo assim, o presidente ressaltou que a estatal não vai deixar de explorar petróleo e expandir suas atividades, pois os combustíveis fósseis ainda devem fazer parte do mercado mundial por muitos anos. Ele defende que a petroleira brasileira também invista em energia renovável. O investimento no mercado do petróleo e a entrada na Opep+ geraram críticas sobre possível contradição entre o fortalecimento dos combustíveis fósseis e a agenda ambiental de descarbonização defendida pelo governo no exterior.

Lula também voltou a dizer que a entrada na Opep+, que reúne os 13 maiores produtores de petróleo e dez aliados, tem como objetivo convencer os países a investir em projetos de energia renovável, especialmente na África e na América do Sul. (VC)

» Escala na Alemanha

Após deixar os Emirados Árabes Unidos, Lula terá compromissos oficiais hoje e amanhã na Alemanha. Ontem, ele e a primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja, foram recebidos em um jantar pelo chanceler Olaf Scholz. Nesta segunda, o presidente brasileiro terá reunião com o presidente alemão, Frank-Walter Steinmeier, e com parlamentares e empresários. Também participa de um encontro de alto nível com autoridades dos dois países. É a primeira vez em dez anos que um presidente brasileiro visita a Alemanha.

Negociações podem ser retomadas no ano que vem

A COP28 não trouxe o resultado esperado para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva no tratado entre Mercosul e União Europeia (UE) — ele esperava que o evento fosse uma oportunidade para conversar com chefes europeus e destravar as negociações. Para especialistas consultados pelo **Correio**, é improvável um cenário no qual o acordo seja finalizado até 7 de dezembro, quando chega ao fim a presidência rotativa do Brasil no bloco.

A reta final das conversas tenta conciliar as exigências ambientais feitas pela UE com a resistência do Brasil em conceder acesso a empresas europeias para que participem das compras públicas do governo federal. Até ontem, havia otimismo no Itamaraty e nas falas do presidente. Porém, Lula já admitiu que, se não houver concordância, a culpa não será da América do Sul. Ele acredita que o tratado não será fechado caso não haja acordo até quinta-feira.

Para o pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Inteligência Internacional da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Leonardo Paz,

porém, não é possível afirmar que um acordo em andamento há mais de 20 anos seja encerrado de vez. Ele citou que o Brasil estava, desde o governo de Dilma Rousseff, em uma espiral decrescente da presença no cenário global, e aponta que as sucessivas mudanças de governo trouxeram visões muito díspares sobre a negociação.

“O governo do PT era mais ou menos a favor. Aí entra (Michel) Temer, que era muito a favor, mas, dada a situação, ficou um pouco na geladeira do mundo. Até por ser um governo de apenas dois anos. (Jair) Bolsonaro era contra o acordo. Agora, Lula é muito a favor. A gente tem dificuldade em dizer se isso vai se fechar para sempre, ou se é só retórica para pressionar a decisão”, avalia o pesquisador.

Na mesma linha, a professora de direito internacional da Universidade de São Paulo (USP) Maristela Basso ressaltou que o prazo é apertado. “Os pontos ainda em discussão são os mais polêmicos e difíceis, por isso, ficaram para o fim como, por exemplo, aqueles relativos

Nelson Almeida/AFP



Barreiras ambientais impostas pela UE estão entre os pontos sem acordo

à propriedade intelectual, aos serviços governamentais, a barreiras sanitárias e ambientais, que ainda demandam discussão e ajustes.”

Apesar da intensificação das negociações, o cientista político Cristiano Noronha, vice-presidente da consultoria

Arko Advice, analisa que a maior dificuldade do acordo é que precisa da ratificação dos 31 países que compõem os blocos. “A complexidade é maior porque, individualmente, especialmente na Europa, existem ainda muitas restrições ao acordo que vão ter que ser

superadas. Ainda que se chegue a um acordo nesta semana, essa aprovação por cada um desses países é, na minha avaliação, a fase mais complexa, com chance de ficar pendências para o próximo ano”.

Wagner Parente, consultor em relações internacionais e CEO da BMJ Consultores Associados, também não acredita em um fim negociado. “Mesmo dentro do Brasil ainda existem arestas para serem aparadas em relação à posição da União Europeia quanto a algumas exigências ambientais. Acredito que é bastante difícil que haja um fechamento. No primeiro semestre do ano que vem, é possível que haja um avanço mais concreto”, aponta.

“Lula vai tentar fechar o acordo antes de sair da presidência do Mercosul, embora a conjuntura não favoreça. Algumas questões ligadas à proteção do meio ambiente e ao desmatamento da Amazônia ainda carecem de uma política efetiva e eficaz”, avalia a advogada constitucionalista Vera Chemin, mestre em direito público administrativo pela FGV. (VC e Ingrid Soares)